

LANÇAMENTOS DA EDIPUCRS
Em co-edição com Edições Mundo Jovem

BINS, Milton. *Curso de Sociologia*. 1990, 189p. A obra aborda conteúdos mínimos de Sociologia e apresenta também um panorama sintético e claro da visão dialética da sociedade.

Pedidos diretamente à:
EDIÇÕES MUNDO JOVEM
Caixa Postal 1429
90 001 - Porto Alegre/RS

DE UMA LEITURA DE SUPERFÍCIE A UMA LEITURA DE PROFUNDIDADE - DO CORMORÃO COMUM AO INCOMUM

Luro Dick
Centro de Comunicação
UNISINOS

Resumo

O autor inicia com o conceito de leitura o qual desdobra em suas atividades correlatas e fundamenta com teorias explicativas da literatura especializada; a partir do ponto de vista desse tripé, ele analisa o poema "The common cormorant" (O cormorão comum). Com base no referencial teórico apresentado, o autor discorda da opinião de Michael Scott o qual, em seu artigo "Lendo nas Entrelinhas", considerou o poema absurdo.

Abstract

The author (1) starts from a concept of reading (2) which he unfolds into correlate activities and (3) supports it with explanatory theories from specialized literature; from the vantage point of this tripod, he (4) analyzes the poem "The common cormorant".

In (1), he proceeds to an etymological study of the verb "read", from which he extracts ten minimal units of meaning, in direct relationship with the psycholinguistic conceptualization of that term.

In (2), he studies the correlatives of this complex cognitive operation called reading: analysis, explanation, interpretation, hermeneutics or exegesis, commentary and criticism.

In (3), he describes the reading process not as the sequential identification of letters, words, orthographic patterns and larger linguistic units, but a psycholinguistic guessing game, prediction, construction and testing of hypotheses.

Finally, in (4) he applies the preceding theoretical framework to the anonymous poem "The common cormorant", which Michael Scott considered as absurd in the paper "Lendo nas entrelinhas". The author, however, supported by data of field research, argues in his conclusion that this piece of poetry is meaningful.

Em seminário de Psicolinguística, realizado na PUCRS, sob a coordenação do prof. dr. José Marcelino Poersch, no segundo semestre de 1990, discutiu-se, entre outros assuntos, a questão da leitura, na linha de Goodman (1976), Clark e Haviland (1977), Scott (1983), Smith (1983, 1989), Stotsky (1983), Tunner et alii (1988) e do próprio Poersch (1989).

Num desses encontros, debateu-se "Lendo nas entrelinhas", de Michael Scott¹, e, contrariando a lógica das expectativas, o grupo deteve-se num acessório do artigo: um poema que o autor cita, a certa altura, a título apenas de quebra de "monotonia" de sua "discussão acadêmica". Na taxativa avaliação de Scott, os ditos versos, amenizadores, intitulados "The common cormorant", seriam absurdos.

Acontece que, entre os participantes, o juízo do estudioso não obteve aceitação unânime. Longe disso, metade, e eram as pessoas mais ligadas aos estudos literários, viu sentido na peça. Os demais cinquenta por cento, identificáveis mais como linguistas puros, concordaram, em princípio, com a colaboração de absurdez e chegaram mesmo a insinuar que o contrário soava meio a fantasia e delírio idiossincráticos.

Na verdade, as posições contraditórias revelavam, no fundo, a existência daquilo que Frank Smith² denomina "estruturas cognitivas" (1989: 21): no presente caso, voltadas ou mais para a literatura ou mais para a linguística.

A três meses do fato, retomo a experiência, com vistas a uma reflexão sobre a construção do sentido.

Faço-o em quatro itens, assim escalonados:

- 1 - Da leitura de leitura ou do ato de ler;
- 2 - Dos correlatos de leitura;
- 3 - De algumas teorias de leitura;
- 4 - De uma leitura do "The common cormorant".

1 - Da leitura de leitura ou do ato de ler

"Ler", do verbo latino da terceira conjugação "lego, legi, lectum, legere" - "légere" passou por diástole para "Legere e daí, por síncope e crase, para "leer" e "ler" -, tinha, no latim, de acordo com o *Novíssimo dicionário*

latino-português (etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.), de F.R. dos Santos Saraiva³, estes principais sentidos: 1. 'ajuntar, reunir, recolher, colher'; 2. 'dobrar'; 3. 'tirar dobrando, enovelar, enrolar'; 4. 'escolher, eleger, fazer escolha de'; 5. 'seguir (as pegadas), ir por'; 6. 'percorrer'; 7. 'ver sucessivamente, revistar, fazer resenha de'; 8. 'tocar de leve, deslizar por, navegar junto à costa, costear'; 9. 'ler por si, ler em voz alta (para que outros ouçam)'; 10. 'fazer leitura de, explicar'; 11. fig. 'tomar, furtar, roubar'; 12. fig. 'espiar, espreitar, apanhar de improviso, surpreender'.

As unidades significativas mínimas ou semas, contidos no lexema "ler", seriam, pois: 'armazenagem' (1), 'organização' (2 e 3), 'extração' (3), 'seleção' (4), 'direção' (5), 'percurso' (6), 'exame' (7), 'rocamento' (8), 'deletração ou soletração' (9), 'subtração' (esperta) (10), 'espionagem' (11).

Como se observa, um verbo cheio de meandros. Desde logo, se note que os termos correlatos, previstos para a próxima seção - compreensão, análise, explicação, interpretação, hermenêutica ou exegese, comentário e crítica -, latejam no ético acima debulhado: compreensão, interpretação, hermenêutica ou exegese, comentário e crítica pulsam um pouco em cada uma das dez restantes semias arroladas: 'organização', 'extração', etc.

Se, à luz desses dados, nos encaminhassemos, agora, a uma conceituação de leitura, certamente nos poríamos de acordo com a afirmativa de Carlos Reis (1976: 18) de que se trata do "labor de um sujeito que, assumindo-se como receptor da mensagem emitida, se afirma como termo indispensável do ato de comunicação".

Convinha, contudo, acentuar que o "receptor da mensagem emitida" seria calibrável em lúdico, analítico e crítico, conforme fizesse uma leitura, se permitida a comparação, ou mais pela rama, ou mais em cima de folhas, ramos, galhos, tronco, raízes, solo, ou mais endereçada a um julgamento paisagístico, ecológico, medicinal etc.

Do ponto de vista estritamente psicolinguístico, poderíamos adotar a definição que, de leitura, dá Poersch (1989: 78):

"A leitura é um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, em sua própria mente, a partir da percepção de signos gráficos e da ajuda de dados não visuais, uma substância de conteúdo equivalente àquela que o autor quis expressar, através de uma mensagem verbal escrita".

Os termos do conceito supra, que os semas anteriormente levantados iluminam em parte (p. ex. "processo ativo" está nos onze semas destacados; "construir", nos quatro primeiros; "intencionalmente", em 'direção' e 'percurso'), reaparecerão nas seções 2 e 3.

1 In: *Cadernos PUC: Linguística* (16). São Paulo, PUCSP, 1983. p. 101-24.

2 *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

3 Rio de Janeiro, Garnier, s.d.

4 *Técnicas de Análise Textual: introdução à leitura crítica do texto literário*. Coimbra, Almeida, 1976.

5 In: *Veritas*, Porto Alegre, PUCRS, 35 (133): 77-89, mar. 1989.

A única modificação que faria na conceituação exposta, era substituir "quis expressar" por "expressou", na pressuposição de, num escrito, interessar mesmo o efetivamente dito, não a intenção, que, de acordo com os postulados do "new criticism" norte-americano, seria falaciosa⁶.

2 - Dos correlatos de leitura⁷

O edifício da leitura e de suas dependências ou condomínios alicerça-se num axioma que Aristóteles enunciou logo na primeira frase de sua *Metafísica*: "Pántes ánthropoi tou" (pronuncia-se: tu) "eidénai orégontai physei - Todos os homens desejam naturalmente conhecer". O verbo no presente admitiria também, e com vantagem até, "apetecem". Ou: "tendem a", "aspiram a".

Ora, a via por excelência de aquisição de conhecimento é a leitura, entendida, neste passo - como, aliás, em todo o presente ensaio -, no sentido "relativamente restrito da decodificação de um texto escrito", ou seja, no sentido da "reconstituição, por parte do destinatário, da mensagem textual elaborada pelo emissor" (Reis, 1976: 18)⁸.

Mas o que é conhecer? É captar e assimilar intencionalmente um objeto, físico ou mental, real ou ideal, transcendente ao sujeito cognoscente, porém nele representado.

A essa adaptação ou assimilação intencional presidem alguns princípios. O primeiro e principal deles é a própria intencionalidade, quer dizer, a referência de todo e qualquer ato humano - no caso, a leitura - a um objeto, seja este uma idéia ou representação referente à coisa pensada ou representada, seja este um ato de vontade ou de amor referente à coisa quista ou amada. O segundo princípio inerente à operação cognitiva é a compreensão, no sentido cognoscitivo de apreender (não no lógico de conter nem no psicológico de simpatizar). O ato de compreender, por sua vez, pressupõe, e eis o terceiro princípio, uma estrutura cognitiva e, nesta, conhecimento prévio de mundo, previsão... previsão que não é nem adivinhação

desvairada nem conhecimento antecipado preciso, mas limitação a umas poucas alternativas prováveis (Smith, 1989: 21-29): "Somente posso extrair sentido do mundo em termos do que já sei" (p. 23).

Da intencionalidade, somada à compreensão e à estrutura narrativa, nasce o sentido (na linguagem corrente, sinônimo de aceção, significação, valor), o aprendido, a certeza. "Certeza", vale o registro, derivaria de "certitudine" e "certitia" que, por seu turno, se enraizariam em "certare": 1. 'combater, pelear, brincar, batalhar'; 2. 'disputar, concorrer a prêmio em jogos públicos'; 3. 'rivalizar, emular, competir'; 4. 'agitar, discutir, disputar, contestar, litigar, demandar'; 4. 'porfiar'; 6. 'esforçar-se, empenhar-se'.

O acúmulo de sinônimos contenciosos, em torno de "certeza", introduz bem a luta que, na busca de certeza, se trava nos processos de leitura da análise, da explicação, da interpretação, da hermenêutica ou exegese, do comentário e da crítica.

O leitor, ao analisar, decompõe o texto em seus componentes, individuando-os e correlacionando-os, para, depois, recompô-los no todo de uma síntese final. Por estabelecer correlações, realiza, já na fase analítica, operações interpretativas, hermenêuticas e críticas. Afinal "tudo o que conhecemos está direta ou indiretamente relacionado a tudo o mais" (Smith, 1989: 28).

Ao explicar, o leitor desdobra, desemaranha, desvela. Na leitura do poema "The common cormorant", se a familiaridade com o inglês for pura, terá de ser desvendado, antes de mais nada, o sentido denotativo e conotativo dos vocábulos e dos versos, para aí, então, entrar no sentido ou "nonsense" global, acima e além das manchas gráficas da sintaxe. Mais uma vez, "a linguagem é compreendida trazendo-se até ela um significado" (Smith, 1989: 48).

Ao tecer comentário, o leitor faz, na avaliação de *Grande enciclopédia Dela Larousse*¹⁰, 1. 'série de observações, esclarecedoras ou críticas, destinadas a facilitar a compreensão de um texto escrito'; 2. 'observações, explicações a propósito de um fato'; 3. interpretação mais ou menos maliciosa'. Já o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha¹¹, atribui a "comentar" os sentidos de 1. 'explicar, interpretando e/ou anotando'; 2. 'falar sobre'; 3. 'falar maliciosamente sobre', e o *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*, de Silveira Bueno¹², os sentidos de 1. 'criticar'; 2. 'interpretar'; 3. 'explicar'. Em suma, "comentar", muito embora convizinha com 'explicar', 'interpretar' e 'criticar', centra-se mesmo é no 'falar sobre' e no 'discreter', olhos postos no contexto e na situação. Não por nada "comentar" provém de "commentor", e este de "commisicor" ('imaginar', 'idear', 'meditar': 'inventar', 'descobrir', 'excogitar')¹³.

6 AGUIAR E SILVA, Vítor Manoel de. *Teoria da literatura*. São Paulo, Martins Fontes, 1976, p. 594.

7 Nas conceituações de natureza filosófica, nas seções 2 e 3, valho-me de ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1970; de BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1970; de ENCICLOPEDIA filosófica. Firenze, Sansoni Editore, 1968; de JUPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990; de MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Buenos Aires, Sudamericana, 1969.

8 *Op.cit.* em 4.

9 *Novíssimo dicionário latino-português*. V. 3.

10 Rio de Janeiro, Delta, 1970.

11 Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

12 São Paulo, Saraiva, 1963.

Ao fazer de intérprete, hermenêuta e crítico, o leitor assume papéis, respectivamente, de intermediário, mensageiro e juiz. O intérprete ("inter + preço"), com efeito, intermedeia negócios entre vendedor e comprador. Em outras palavras, agencia sentidos entre texto e leitor. O hermenêuta, cuja designação traz cravada nas paletas do seu corpo verbal o deus grego Hermes, correspondente ao latino Mercúrio (patrono dos mensageiros e mediador entre os deuses e os homens), compraz-se particularmente em textos antigos, preferencialmente sagrados e jurídicos. E o crítico procede a exames apreciativos, orientado por critérios.

3 - De algumas teorias de leitura

O "processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir", intencionalmente, em sua própria mente, (...) uma substância de conteúdo", através de procedimentos que vão da análise à crítica, pressupõe, na concepção de Poersch (1989, 1990), 1. recodificação (oralização e/ou sonorização) da escrita; 2. decodificação lexical, gramatical e textual; 3. interpretação global (a mais compreensiva possível e, portanto, acrescente-se, a mais analítica, a mais explicativa etc). Por seu turno, de acordo com o mesmo teórico, os mecanismos de recodificação, decodificação e interpretação global só podem ser acionados se o leitor for capaz de, junto com o explícito, decifrar o implícito (pressuposicional e inferencial) e o metaplícito. Em "O quente do congelamento está na...", o explícito está na "quente" significar aí 'que tem os elementos necessários para provocar animação, excitação, exaltação', 'muito moderno, ousado, prafrontex' e "congelamento", 'fixação de valores, preços etc. em certo nível'¹³. O implícito pressuposto é 'haver um lugar em que o congelamento é quente' e "lugares outros em que ele é frio". O implícito referencial: 'aproveite', 'compre'. O metaplícito extrapola o texto, invadindo a esfera do consumo, do apelo, da recessão, da inflação, dos pacotes econômicos (Poersch, 1991; artigo desta revista).

No cerne desse complexo processo leituril, encravam-se duas posições doutrinárias definidas: uma, superada, concebe a leitura como identificação seqüencial de letras, palavras, padrões ortográficos e unidades linguísticas maiores; outra, em vigor, perfilhada por Smith (1983, 1989), Scott (1983), Poersch (1989), Goodman (1976), entende-a como processo ou jogo psico-linguístico de adivinhação, previsão, formulação e avaliação de hipóteses:

"A leitura eficiente não resulta da percepção precisa e da identificação exata de todos os elementos, mas de habilidade em selecionar o menor número de 'pistas' produtivas, necessário à elaboração de adivinhações" (Goodman, 1976)¹⁵.

Scott, em "Lendo nas entrelinhas" (1983), triparte o exercício da "leitura eficiente", preconizado por Goodman,

1. no já reafirmado conhecimento prévio, especializado ou não, do mundo e da língua;

2. na compreensão do co-texto ou das ligações internas, operadas pelas categorias textuais de pronominalização, anáfora, catáfora, dêixis, substituição lexical, nominalização, definitivização, articuladores;

3. no raciocínio que

3.1. supra o não-dado (o implícito e o metaplícito);

3.2. perceba semelhanças e diferenças, como na propaganda "Ser minoria privilegiada é ter um clube com piscina, sempre limpinha./ O sol nasce para todos, mas só uma minoria é que sabe aproveitar", nem que 'ser minoria privilegiada', 'ter um clube', 'minoria', 'sabe aproveitar' se assemelham e 'todos' e 'minoria' se opõem;

3.3. estabeleça relações de causa-efeito;

3.4. projete hipóteses de natureza preditiva e divinatória;

3.5. dê-se conta de funções não explícitas, como de o texto entreter, persuadir, criticar;

3.6. atine com ambigüidades, ironias, ideologias, presentes, p. ex., na manchete "Como Saddam foi moído", em que "como" pode equivaler a 'de que maneira' e a 'quanto'; em que o conteúdo é irônico, já que o tirano de Bagdá arrótava grandeza, e ideológico, por expressar a prepotência do primeiro contra o terceiro-mundo;

3.7. seja apto a se distanciar do texto.

Ainda na esfera da "leitura eficiente", e a título apenas de amostra, vale a pena aludir a estudos ordenados à descoberta dos efeitos da leitura na escrita e da escrita na leitura (Stotsky, Smith), bem como do reflexo das categorias textuais na legibilidade.

Stotsky, em "Pesquisa sobre as relações leitura/escrita"¹⁶, chegou à conclusão de que os melhores escritores tendem 1. a ser melhores leitores de si mesmos e dos outros, 2. a ler mais que os escritores medíocres e 3. a produzir escritos sintaticamente mais maduros. No que tange à ação da escrita sobre a leitura, verificou que o ensino da escrita para aperfeiçoar a escrita e, de ricochete, a leitura revelou-se infrutífero. Já a escrita a serviço

¹³ Op. cit. em 9.

¹⁴ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

¹⁵ Reading: a psycholinguistic guessing game. In: Harry Singer and Robert Ruddell, *Theoretical models and processes of reading*. Newark, International Reading Association, 1976. p. 497-508.

¹⁶ Research of reading/writing relationships: a synthesis and suggested directions. *Language Arts*, Urbana, National Council of Teachers of English, 60(5): 627-43, May 1983.

da leitura (em forma de apontamentos) e a escrita alimentada por leitura, em vez de gramática formal, deu bons frutos.

Frank Smith, em "Ler como escritor"¹⁷, defende a tese de que "somente através da leitura é que os escritores aprendem todos os mistérios da escrita". E argumenta assim a favor dessa colocação: da mesma forma que ouve como falante, a criança lê como escrevente ou escritora; a prova está em que, durante a leitura, de repente, ela pára para observar uma grafia, para admirar um pedaço bem expresso; além disso, ela prevê o que segue. Só não se lê como escritor, continua Smith - e, logo, não se aprende -, quando o texto é por demais difícil, ou de conteúdo desinteressante, ou vazado num estilo estranho à idiossincrasia do leitor.

Poersch, em pesquisa levada a efeito sobre "Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão em leitura"¹⁸, fez a constatação de que "quanto mais categorias textuais um texto apresentar mais legível" ele será (p. 88).

4 - De uma leitura do "The common cormorant".

As considerações anteriores sobre como o sentido se constrói, levados em conta o termo "ler" e seus correlativos "analisar", "explicar" etc, e revisada a teoria da previsão, com alguns de seus desdobramentos práticos, merecem a coroa de uma aplicação, de resto anunciada nos parágrafos introdutórios.

Como dito da introdução, o poema aparece, no original inglês, em "Lendo nas entrelinhas", de Michael Scott, e é sumariamente tachado de absurdo pelo articulista. Anônimo, o poema consta de oito versos octossílabos, de rima emparelhada (aa, bb, cc, dd) e pobre, à exceção de bb, rica ("doubt" e "out", substantivo e advérbio). Publicado em 1952, por J.M. Cohen, em antologia que leva o título *Comic and curious verse*¹⁹, faz parte da sexta seção do livro - "Rigmaroles and nonsense: Lérias e disparates" -, à qual precedem "Pássaros, animais e homens", "Histórias incríveis", "Para várias ocasiões", "Protestos e reclamações" e "Fantasias e excentricidades", e seguem as seções "Farsas e paródias" e "Canções de rua".

Como sou leitor mediano de inglês, tive de proceder, inicialmente a minucioso estudo vocabular: "cormorant", "shag", "lay", "egg", "inside", "bag", "keep out", "lightning", "unobservant", "notice", "herb", "wandering", "bear", "bun", "steal", "hold", "crumb". Ainda que vários desses vocabulários me parecessem familiares, graças ao uma sensação de reencontro e aos conhe-

cimentos de alemão ("lay", "egg", "lightning", "herb", "steal", "hold"), não deixei de conferir-lhes o sentido exato do *Dicionário escolar inglês-português, português-inglês*, de Oswaldo Serpa²⁰, no *Novo Michaelis: dicionário ilustrado*²¹ e no *Webster's encyclopedic dictionary*²². Neste último, aliás, descobri a diferença entre "cormorant" e "shag". "Cormorant": "from Latin *corvus marinus*, sea raven. A web-footed sea-bird of the pelican family, of several species, catching fish by swimming and diving, and extremely voracious; fig. a greedy fellow; a glutton"; "shag": "the crested or green cormorant" (Cormorão: do latino *corvus marinus*, corvo marinho. Ave marinha, palmípede, da família dos pelicanos, de várias espécies, a qual pega peixes nadando e mergulhando e é extremamente voraz; fig. sujeito ganancioso; glutão; shag: o cormorão cristado ou verde).

Por haver desconsiderado esse detalhe, Scott parece equivocar-se, no seu curto comentário do poema, ao afirmar que "o 'cormorant' é também denominado 'shag'" (p. 111). Na realidade, o cormorão "comum" opõe-se ao "shag", analogamente a como "galinha caipira" a "galinha-d'angola", e, conseqüentemente, o "or" de "The common cormorant or shag" não é inclusivo, senão que exclusivo.

Bem. Esclarecido o vocabulário, efetuei a tradução que transcrevo abaixo, ao pé do original.

The common cormorant
The common cormorant or shag
lays eggs inside a paper bag.
The reason you will see no doubt
it is to keep the lightning out.
But what these unobservant birds
have never noticed is that herds
of wandering bears way come with buns
and steal the bags to hold the crumbs.

O cormorão comum
O cormorão comum ou corvo marinho
põe(m) ovos dentro de uma sacola de papel.
A razão, você verá, não há dúvida,
é para impedir a entrada do relâmpago.
Mas o que esses desatentos pássaros nunca notaram é que bandos
de ursos errantes podem vir com pãezinhos
e roubar as sacolas para levar as migalhas.*

Na busca de confirmação ou desconfirmação do sentido entrevisto, mal transcodingara a decodificação literalmente a estranha oitava, pus-me a deslindar os significados reais e virtuais (denotativos e conotativos) das palavras-chave: cormorão, ovo, papel, relâmpago, urso, pão.

17 Reading like a writer. *Language Arts*, Urbana, National Council of Teachers of English, 60 (5): 558-67, May 1983.

18 V.5.

19 Baltimore, Penguin Books, 1952

20 Rio de Janeiro, MEC, FAE, 1983.

21 9.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1970.

22 Chicago, Educational Books, 1943.

Detive-me, sobretudo, em cormorão e urso. Do cormorão, colhi que, além de ser grande ave aquática, da ordem dos pelicaniformes, de pescoço longo e bico forte, hábil mergulhador, capaz de mergulhos de até dez metros de profundidade, amestrável para a pesca, colocando-se-lhe anel ou coleira, a fim de que não engula os peixes, ele se distribui por todo o mundo, nas áreas costeiras, nidifica em regiões longínquas, em ninhos malcheirosos, feitos de algas, musgos e lodo, e produz o guano chileno.

Na Guerra do Golfo Pérsico, em janeiro e fevereiro de 1991, a televisão mundial mostrou exemplares dele, encharcados de óleo, debatendo-se entre a vida e a morte.

O urso é descrito como mamífero carnívoro (que não recusa, entretanto, vegetais, formigas, alimentos açucarados, ovos de aves, méis); corpulento e macio; pele espessa e áspera; movimento bamboleante, vagaroso e sem graça (não obstante ágil, quando preciso); olfato e audição aguçados; orelhas curtas e arredondadas; focinho truncado; trepador, nadador, caminhador incansável; dado à hibernação ou letargia de inverno, em tocas e cavernas, não sem antes engordar; dócil e domesticável; solitário (o casal não convive mais do que um mês, na época do cio; a fêmea anda até quatro anos com as crias). De par com essas características, gerais, os ursídeos subdividem-se, conforme uns em sete espécies, conforme outros em oito, espalhadas mais nas regiões setentrionais da Europa, Ásia, América e Pólo Norte (não existem na África, Austrália e Antártida): na Europa, Ásia, Alasca e América do Norte, o urso-castanho, urso-marrom, urso-pardo; na América do Norte, o urso-preto e o urso-cinza; na China, Manchúria, Birmânia, Himalaia, Japão, Formosa, o urso-himalaio; na Península Malaia, o urso-sol ou urso-malaio; na Índia, Ceilão, o urso-mel ou urso-preguiça; na região ártica circumpolar, o urso-polar ou urso-branco, na América do Sul, o urso-de-óculos.²³

No entanto, impunha-se ir mais longe e fundo: ao sentido figurado e simbólico de "urso", assim como de "cormorão", "ovo", "papel", "relâmpago", "pão".

Figuradamente, "urso" é 'indivíduo solitário, esquivo'; 'esquisitão';²⁴ simbolicamente: 'ancestral da espécie humana'; 'expressão da obscuridade, inconsciente, instinto, forças elementares'.²⁵ "Cormorão", já se viu, prefigura 'sujeito ganancioso e glutton', "Ovo", consoante ainda Chevalier e Gheerbrandt (v. nota 25), simboliza 'gênese', 'totalidade', 'renovação periódica',

'casa, ninho, concha, seio da mãe'; 'papel', 'fragilidade'; 'relâmpago, 'poder benéfico (fecundante ou nefasto)', 'luz interior'; 'pão', 'vida'.

Levando em conta esses elementos e, mais, as convenções de gênero lírico, de estrutura métrica, de coesão, de sintaxe e de semântica, já que é através delas que "os escritores manifestam suas várias intenções (Smith, 1989: 207), emerge das linhas e das entrelinhas, dos versos e dos entreversos do texto um esquema semântico bipolar: seres desprotegidos (os cormorões) são atacados por forças poderosas (os ursos). A desproteção e o perigo são expressos pelo invólucro frágil ("sacola de papel") em que a vida ("ovos") se acomoda, pelo "relâmpago" e pela desatenção ("desatentos pássaros"). O poderio adverso, introduzido pela adversativa "mas", encarna-se nos "ursos errantes" que, providos e nutridos, vêm para se apoderarem das "migalhas", subtítulo lexical simbólico de "ovos".

Malgrado o "cormorão" fugir, no poema, à sua característica voracidade, a coesiva substituição lexical anafórica - "esses desatentos pássaros" - assegura-lhe papel coerente. O mesmo se diga nos ursos que, de encontro à realidade biológico-etológica, vagueiam em hordas: assim como os homens violentos que representam, eles são paradoxalmente unos e múltiplos, sós e multitudinários.

Ainda não satisfeito, testei a interpretação do poema em cinco turmas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: duas de Letras (Português 7 e Literatura Latina), uma do Básico (Português), uma de Pedagogia (Técnica de Composição 1) e uma de Comunicação Social (Rádio).

Sem nada lhes falar da minha leitura, entreguei aos alunos o poema, na forma original e traduzida, acompanhado de um questionário. De caso pensado, dei a este três versões diferentes. A primeira, despojada: Que lhe parece o poema? É absurdo? Tem sentido? Explique sua resposta. A segunda, circunstanciada: em espaço anexo, uma crônica de Moacyr Scliar ("O cormorão imperialista"²⁶), três charges de Marco Aurélio e uma de Sampaolo sobre a Guerra do Golfo²⁷ e os dizeres: O poema foi considerado absurdo por Michael Scott (Lendo nas entrelinhas. In: *Cadernos PUC: Linguística* (16). São Paulo, PUCSP, 1983. p. 101-24), certamente porque ilegível nas linhas e nas entrelinhas, e isso, talvez, por três motivos: primeiro, porque não faz parte de nosso conhecimento do mundo aves porem ovos em sacolas de papel, e o fazerem para impedir a entrada do relâmpago; segundo, porque a poesia, se é que o é, parecer unir partes que não se coadunam entre si; terceiro, porque, pelas duas razões anteriores, os versos nocauteiam o raciocínio o raciocínio lógico. Contudo, em discussão realizada sobre o texto, se assim podemos chamá-lo, houve quem visse na composição um sentido. Qual é a sua posição? Mais para o lado da absurdez, ou mais a favor de uma intenção sócio-comunicativa realizada, até, com êxito? Explique sua resposta. A terceira, em forma de carta: Prezados(a) Universitários(a): Sou pós-gra-

23 COLORAMA: enciclopédia universal ilustrada. São Paulo, Melhoramentos, 1970. CONHECER. São Paulo, Abril, 1972.

ENCICLOPÉDICA Delta Juvenil. Rio de Janeiro, Delta, 1964.
ENCICLOPÉDICA Delta Universal. Rio de Janeiro, Delta, 1980.
ENCICLOPÉDICA luso-brasileira de cultura. Lisboa, Verbo, s.d.
GRANDE enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro, Delta, 1970.

24 Op. cit. em 14.

25 CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

26 Zero Hora, Porto Alegre, 28 jan. 1991, p. 40.

27 Zero Hora, Porto Alegre, 28 jan. 1991, p. 40; 31 jan. 1991, p. 60; 1º fev. 1991, p. 2 e p. 52.

duado em *Linguística Aplicada* e realizou trabalho sobre leitura. Por essa razão, pediria que lesse os versos abaixo, no original inglês e na tradução portuguesa, e dissesse se, a seu ver, eles são absurdos ou têm sentido, e por quê. Queira fazê-lo no verso desta folha, em até 15 linhas. Para sua informação, acrescento que a peça, anônima, foi publicada por J.M. Cohen, em *Comic and curious verse* (Baltimore, Penguin Books, 1952 p. 240). Michael Scott utilizou-se em artigo intitulado "Lendo nas entrelinhas" (In: *Cadernos PUC: Linguística* (16). São Paulo, PUCSP, 1983, p. 101-24). Agradeço a colaboração.

Duas turmas receberam a primeira versão; duas, a segunda; e uma, a terceira, sem que as respostas obtidas desta, dessas e daquelas variassem significativamente.

Ao resultado.

Datilogradas em espaço um e meio e numeradas de 1 a 77, as opiniões encheram 16 páginas de papel ofício. 49 (63,63%) acharam sentido nos versos, 28 (36,36%) consideraram os versos absurdos. Dos 38 alunos de Letras que responderam ao questionário, 26 (68,42%) acharam sentido nos versos, 12 (31,57%) consideraram os versos absurdos. Dos 39 alunos do Básico, da Pedagogia e da Comunicação Social, 23 (58,97%) acharam sentido nos versos, 16 (41,02%) consideraram os versos absurdos.

De Letras para não-Letras, a variação isonômica da Tabela 1.

	Tem sentido	Não tem sentido
Letras	68,42%	31,57%
Não-Letras	58,97%	41,02%

Os que acharam sentido nos versos, ergueram-no em cima de pilares ecológicos (1), sociais (2, 3 e 4) e morais e metafísicos (5, 6, 7, 8 e 9):

1. Predadores contra animais indefesos;
2. Fortes contra fracos ou dominantes contra dominados, opressores contra oprimidos, primeiro-mundo contra terceiro-mundo;
3. Ricos contra pobres ou burgueses contra proletários;

4. Ladrões contra proprietários;
4. Astutos contra ingênuos;
6. Protegido, está-se ainda desprotegido;
7. Preocupação com pequenas coisas, esquecidas as grandes;
8. Consciência versus inconsciência;
9. Para além do conhecido, existe sempre o desconhecido.

Os que consideraram os versos absurdos, basearam-se

1. na incoerência;
2. na desconexão (que não procede);
3. na inclareza;
4. na contradição da realidade.

Alguns fizeram leituras forçadas e mirabolantes: "Vamos supor que o autor dessa poesia teve a intenção de ambientar as suas idéias num tempo futuro, onde o pássaro tivesse sofrido uma micromutação..."; "O autor mostrou nas entrelinhas o quanto os norte-americanos estão com sede de poder e ganância pelo petróleo dos iraquianos"; "O que dá para entender, é que aconteceu uma grande viagem, uma piração, com o cara que escreveu".

É importante acrescentar que fatores colaterais devem ter levado a ver sentido nos versos. 1. São versos, e até rimados, pelo que despertam expectativas específicas; 2. Foram publicados em livro, pelo que se inscrevem num universo cultural que predispõe à aceitação; 3. Foram citados em artigo intitulado "Lendo nas entrelinhas", pelo que se insinua terem provavelmente sentido; 5. Foram propostos em aula, pelo que algo didático há de haver neles.

Conclusão

Do étimo de ler à leitura consumada, passando pelos correlatos da compreensão, da análise, da explicação, da interpretação, de hermenêutica, do comentário e da crítica, e pela fundamentação teórica do ato leiturais, uma evidência se impõe: trata-se de toda uma dinâmica de conhecimento - enquanto verdade, habilidade, crença, estesia, emoção, para citar os âmbitos cognoscitivos de Israel Scheffler²⁸ -, alimentada pela intencionalidade e predição. Parafraseando Aristóteles, poderíamos arrematar: "Todos os homens desejam naturalmente ler", e fazem previsivelmente, como quem, dirigindo-se a um objetivo ou lugar, já se encontra, em certo sentido, lá.

28 - *Buses y condiciones del conocimiento*. Buenos Aires, Paidós, 1970.